

(DES)CONSTRUÇÃO EM HILAL SAMI HILAL: UMA CONSTRUÇÃO PELA ARTE EM TEMPOS DE DESTRUIÇÃO

(Des)Construction in Hilal Sami Hilal: a construction through art in times of destruction

Jéssica Galon Silva Macedo ¹

Resumo: Por ser uma atividade inerente ao ser humano, a arte sempre esteve ligada às mazelas e avanços da sociedade. Portanto, se posicionar politicamente é uma atribuição de todo artista, apesar do apelo econômico que o capitalismo muitas vezes impõe no mercado de arte. Os problemas ambientais desencadeados pela busca desenfreada pelo lucro na sociedade atual têm gerado grandes crises mundiais, sociais e sanitárias. Para enfatizar o papel do artista em construir consciência crítica, analisamos algumas obras do artista Hilal Sami Hilal, apontando para uma arte que estimula a sensibilidade de pensar o outro, a natureza e a si mesmo como parte de um todo.

Palavras-chave: arte, meio ambiente, consciência, dever.

Abstract: As an activity inherent to human beings, art has always been linked to the ills and advances of society. Therefore, taking a political stand is an assignment of every artist, despite the economic appeal that capitalism often imposes on the art market. Environmental problems triggered by the unbridled pursuit of economic progress today have generated major world, social and health crises. To emphasize the role of the artist in building critical awareness, we analyzed works by the artist Hilal Sami Hilal, pointing to an art that stimulates the sensitivity of thinking about the other, nature and oneself as part of the same thing.

Keywords: art, environment, conscience, duty.

¹ Mestra em Teoria e História da Arte pela Universidade Federal do Espírito Santo (2020). Possui graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo (2012). Atualmente é prof. do ensino básico, técnico e tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo - IFES. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Arte e Educação.

Introdução

A humanidade encontra-se em um momento histórico que assusta e inspira ao mesmo tempo: enquanto surgem possibilidades tecnológica e inovações nunca vistas, há uma natureza saturada que “grita” por socorro a todo instante. Não é incomum termos notícias de catástrofes naturais causadas por séculos de exploração desenfreada pelo homem. O desequilíbrio é marca latente dos nossos tempos. A exemplo disso, a pandemia de Covid-19 se alastra pelo mundo desde o ano de 2020, quando o número de infectados pela doença atingiu os mais altos índices. Décadas antes, a Carta da Terra já chamava atenção para os malefícios do capitalismo explorador e o consumo insustentável praticado pela sociedade global.

Os padrões dominantes de produção e consumo estão causando devastação ambiental, esgotamento dos recursos e uma massiva extinção de espécies. Comunidades estão sendo arruinadas. Os benefícios do desenvolvimento não estão sendo divididos equitativamente e a diferença entre ricos e pobres está aumentando. (UNESCO, 2002, p. 126)

Durante a pandemia, as desigualdades se tornaram ainda mais evidentes, desencadeando uma enorme crise civilizatória, em que algumas pessoas tiveram o privilégio de cumprir quarentena e, assim, preservar a própria vida e as vidas de seus familiares, enquanto outra parte da população enfrentou grandes dificuldades (desemprego, falência, despejo), e ficou exposta à nova doença e sem acesso a tratamentos. Esse grupo (que constituiu a maioria do país) tornou-se extremamente fragilizado, sem renda e sem condições de suprir necessidades básicas, precisando arriscar a vida no trabalho para conseguir o básico para o sustento. Neste sentido, a classe econômica foi determinante para a sobrevivência e, para a percepção do tempo naquele período, como reflete o sociólogo Boaventura Souza Santos:

Há diferentes maneiras de viver o tempo durante uma crise

civilizatória. Mas há distinções também em como as classes o encaram: em um mundo com futuro nebuloso, uns buscam ultrapassar o tempo – para outros, ele é um carro na contramão. (SANTOS, 2021, p. 32)

Esse “carro na contramão” levou muitas pessoas às ruas para viverem como pedintes, vendedores ambulantes, entregadores de aplicativos e outras formas de trabalhos precarizados e sem vínculos. Tudo isso contribuiu para a retomada de uma miséria que, há tempos, já não se via de maneira tão latente. É notável que a recuperação dos estragos causados pela crise pandêmica acontecerá em diferentes tempos para pessoas de diferentes classes. O capitalismo predatório foi agravante e permanece sendo um dificultador não só da sobrevivência durante a pandemia como de futuras crises sociais.

Enquanto modelo social, o capitalismo não tem futuro. Em particular, a sua versão actualmente vigente – o neoliberalismo combinado com o domínio do capital financeiro – está social e politicamente desacreditada em face da tragédia a que conduziu a sociedade global e cujas consequências são mais evidentes do que nunca neste momento de crise humanitária global. (SANTOS, 2021, p. 24)

Cuidar da vida e diversidade: dever de todos

Assim, de quem é a culpa de uma situação social desigual? Dos governantes? Entidades públicas? Empresas? Cidadãos? A resposta, se levarmos em consideração os problemas ambientais que desencadeiam tais crises, seria “de todos”. Afinal, o meio ambiente global, com seus recursos finitos, deve ser uma preocupação comum de todos os povos, uma responsabilidade compartilhada. “A proteção da vitalidade, diversidade e beleza da Terra é um dever sagrado” (UNESCO, 2002, p.1).

É comum que a percepção das questões ambientais parta de uma perspectiva externa, de fora para dentro. Entretanto, é necessário refletir sobre o lugar do ser humano no planeta e como parte integrante do

ecossistema. Nesse sentido, deve ser um princípio ético de todos, dentro das suas singularidades, o contínuo respeito à Terra e toda a sua diversidade, reconhecendo o potencial e responsabilidade de cada um em propagar ações de conscientização social e riqueza cultural.

A questão da cultura, nesse contexto, parece apresentar duas faces: a do discurso hegemônico ocidental, formal, que tem a sua história escrita nos livros, aquela que categoriza o mundo e direciona a forma de pensar; e a outra face é escrita das margens sociais para o centro, criando conceitos, discutindo significados e considerando as individualidades do ser humano, mas que parece de uma ordem secundária. Nesse ínterim, alguns antropólogos e filósofos vêm buscando escrever uma filosofia das culturas a partir de um pensamento pós-colonial, que desmistifica a inferioridade dos países antes colonizados. O caminho de valorização das culturas é árduo, porque precisa se desvincular da tendência comparativa que rivaliza e inferioriza tudo o que não segue os moldes ocidentais, bem como superar o pensamento tendencioso de “descobridor” de saberes populares. Essas práticas ratificariam a hierarquização das culturas, colocando em lugar privilegiado determinada cultura em detrimento de outra.

A oposição de perspectivas culturais nos leva a refletir sobre o lugar social desse importante elemento. Qual o lugar da cultura? Segundo Homi Bhabha (1998), há um hibridismo nas relações entre as culturas, pois, de alguma forma, a cultura do colonizador influencia a do colonizado, e vice-versa. Essa fusão é, segundo Bhabha, o “terceiro espaço”, onde, apesar das ambivalências e problemas do choque de diferentes culturas, ocorre a integração entre elas. Ao trabalhar tal definição, o autor evidencia que há aspectos relevantes em todas as culturas. Essa relevância na democratização dos valores culturais estão também explicitadas na Carta da Terra:

A vida muitas vezes envolve tensões entre valores importantes. Isto pode significar escolhas difíceis. Entretanto,

necessitamos encontrar caminhos para harmonizar a diversidade com a unidade, o exercício da liberdade com o bem comum, objetivos de curto prazo com metas de longo prazo. Todo indivíduo, família, organização e comunidade tem um papel vital a desempenhar. As artes, as ciências, as religiões, as instituições educativas, os meios de comunicação, as empresas, as organizações não-governamentais e os governos são todos chamados a oferecer uma liderança criativa. A parceria entre governo, sociedade civil e empresas é essencial para uma governabilidade efetiva. (UNESCO, 2002, p.135)

Ao abordarmos os agentes de conscientização e propagação de cultura, sobretudo em sua diversidade, a arte e o artista tiveram, ao longo da história, papéis importantes para a humanidade: de expressar a realidade, chamar a atenção para aspectos sociais, denunciar questões de diversidade e tornar visível o que, muitas vezes, não se diz apenas com palavras. Dessa maneira, o artista tem a responsabilidade social de abordar, em seus trabalhos, temáticas relevantes para o seu meio e sua cultura. “O autor da obra é portador da visão artística e do ato criador e ocupa uma posição significativa e responsável”, como afirma Ledur (2005, p.75).

O trabalho de arte: instrumento do artista no compromisso com o social

O artista capixaba Hilal Sami Hilal (1952-), filho de Sami Costaki, de origem Síria, iniciou sua carreira nos anos 1970, interessado em paisagens. Naqueles anos, trabalhava com desenho em aquarela. Em 1973-74, Hilal frequentou cursos de gravura nos Festivais de Inverno de Ouro Preto. Em 1976 concluiu seu curso de graduação em Artes Plásticas na Universidade Federal do Espírito Santo. Um ano depois de sua formatura, foi convidado para ministrar aulas no curso de graduação desta universidade, onde permaneceu por 20 anos. Como professor

universitário, o artista passou por diversas disciplinas do currículo, até fundar a cadeira de "Estudo do Papel", pois já iniciara sua pesquisa a respeito de papel artesanal.



Figura 1. Hilal Sami Hilal, Sem título, Galeria OÁ, 2020. Acervo pessoal. A figura é formada por uma pequena casa feita de cobre oxidado, com telhados e paredes vazados. Há uma porta na frente da casa e duas janelas na lateral, todas abertas. Pelas frestas da parede e do telhado é possível ver um monte de terra que preenche o interior da casa e escapa pela porta e janelas.

Isolamento social em tempos de pandemia é a temática que impulsiona Hilal Sami Hilal em seu trabalho "Sem título" (2020). A partir da corrosão do cobre com ácido, o artista remonta uma casa de campo, de arquitetura simples, que lembra o pau a pique, essa que, no passado, compunha a paisagem de algumas pequenas cidades interioranas, sobretudo do estado do Espírito Santo, por exemplo.

A casa apresentada na figura 1 mede 8 x 8 x 9 cm, tem telhados e paredes vazados e é penetrada por terra avermelhada que aos poucos preenche seu espaço interno, bem como escapa por frestas das paredes, pelas portas e janelas, transbordando para o seu entorno.

Este trabalho foi apresentado em formato de vídeo, pelo artista, ao

Museu Nacional de Belas Artes, com o projeto intitulado "Arte em diálogo na quarentena", em 2020. A vídeo-performance mostra o exato momento em que a terra é acrescentada a figura da casa, tomando conta de todo o espaço da casa. De repente, o silêncio dá lugar ao som da terra que cai, e nos leva a pensar no significado daquilo que estamos vendo em relação às dicotomias vida-morte, construção-destruição, ausência-presença.

No trabalho de Hilal Sami Hilal, desenvolvido durante a quarentena da Covid 19, fica clara a sensibilidade do artista em tratar temáticas inerentes à existência humana, provocando reflexões sobre o contexto pandêmico no Brasil, que registrou mais de 700 mil mortos.²

A terra que assola a pequena casa ora nos remete ao tempo que, apesar da quarentena, não parou para camadas socialmente fragilizadas, ora remete aos enterros coletivos e as valas dos cemitérios abertas às pressas para que as famílias enterrassem seus entes falecidos, cenas exaustivamente mostradas na mídia. Ao conectar passado e presente, Hilal dialoga com o sociólogo Boaventura de Sousa Santos (2020), que, citando Santo Agostinho e Aristóteles, ilustra a dificuldade histórica da humanidade em lidar com o tempo caótico da pandemia:

O tempo atual impõe-nos o enigma do tempo com uma acuidade que não pode ser ignorada. A pandemia abalou profundamente tanto as rotinas diárias como as expectativas e os planos de futuro e, conseqüentemente, as percepções do passado. (SANTOS, 2020, p. 1)

Durante o auge da Pandemia, algo que se desejava como nunca era o retorno ao normal (ou o novo normal), mas, essa normalidade não é algo possível de ser retomado por todos de maneira igualitária, uma vez que algumas coisas não são possíveis reconstituir ou substituíveis a curto

² <https://covid.saude.gov.br/> Acesso em: 30 de mai. 2023.

prazo. Além disso, o “normal” pré-pandemia é a causa de todo o desequilíbrio ambiental e destruições que desencadeiam grandes crises, como a iniciada em 2020. Nesse sentido, vale ressaltar o que tratou Santos (2021):

No entanto, o regresso à «normalidade» não será igualmente fácil para todos. Quando se reconstituirão os rendimentos anteriores? Estarão os empregos e os salários à espera e à disposição? Quando se recuperarão os atrasos na educação e nas carreiras? Desaparecerá o Estado de exceção que foi criado para responder à pandemia tão rapidamente quanto a pandemia? Nos casos em que se adoptaram medidas de proteção para defender a vida acima dos interesses da economia, o regresso à normalidade implicará deixar de dar prioridade à defesa da vida? Haverá vontade de pensar em alternativas quando a alternativa que se busca é a normalidade que se tinha antes da quarentena? Pensar-se-á que esta normalidade foi a que conduziu à pandemia e conduzirá a outras no futuro? (SANTOS, 2021, p. 29)

Essa “normalidade” que conduziu à pandemia, citada por Souza Santos, é, também, aquela que conduz às guerras civis, que, na contemporaneidade, se concentram nos territórios do Oriente Médio. Nesse sentido, Hilal explora a temática em outra obra, intitulada “Alepo”.

O artista capixaba relembra o ambiente de guerra dos últimos anos, na cidade de Alepo – Síria, terra natal de seu pai. Assim, Hilal demonstra não estar alheio ao que acontece no mundo. A memória herdada, defendida por Pollak, não se coloca no mesmo espaço e tempo cronológico, mas não impede o sujeito de internalizar os efeitos de um acontecimento. Pensar os efeitos da guerra sobre a terra de seu pai, uma vez que não vivenciou pessoalmente os bombardeios, demonstra que Hilal herdou, de alguma forma, os efeitos sensíveis, causados por tais conflitos. Portanto, isso o afeta de tal maneira que essa herança de memória escapa ao tempo e motiva seus trabalhos. Nesse sentido, a obra exposta na Galeria de Arte Marília Razuk, São Paulo, no ano de 2019,

aborda a destruição da cidade de Aleppo, na Síria.

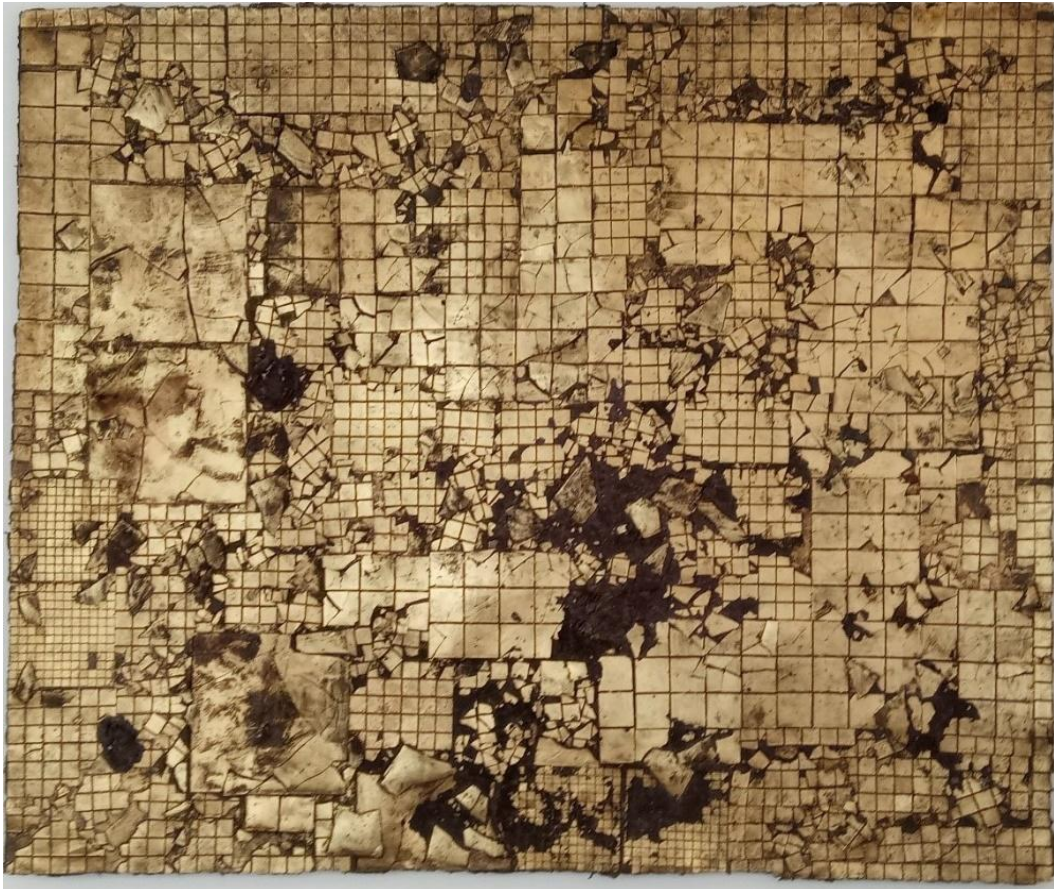


Figura 2. Hilal Sami Hilal, *Série Aleppo*, São Paulo, 2019. Acervo pessoal. Foto do painel composto por um papel marrom gravado por pedaços de tamanhos variados de cerâmica em formato quadrado. A cobertura não é uniforme, deixando transparecer o papel ao fundo, que adquire uma textura semelhante à terra. As fissuras entre os dois materiais tem formas irregulares e tamanhos diversos, assemelhando-se a marcas de armamento bélico, como granadas e balas.

Na obra (figura 2), Hilal faz emergir, da sua matéria, o cenário de guerra civil vivido pela Síria, terra natal de seu pai, o Sr. Sami Costaki. Contudo, o cenário de atual não retrata uma guerra bélica, mas a guerra da humanidade contra o vírus SARS-CoV-2 (o novo coronavírus).

Em meio ao contraste entre o dourado do pó metálico e o marrom do papel artesanal pigmentado, encontram-se gravadas as marcas da destruição: pedaços de cerâmicas, restos de vidros, fendas que parecem perfurações de tiros e granadas. O dourado da obra remete à riqueza do patrimônio histórico-cultural que se perde em meio aos destroços da

guerra. Nesse viés, a permanência de uma memória herdada transcende o espaço-tempo, deixando marcas no inconsciente, como explicitado por Lacan: “É sensível, ao nível mesmo da definição do inconsciente, que o que se passa ali é inacessível à contradição, à localização espaço-temporal, bem como à função do tempo”.



Figura 3. Hilal Sami Hilal, Processo de criação de Aleppo, São Paulo, 2019. Acervo pessoal. Mostra o processo de criação da obra, em que o papel artesanal é retirado de cima de uma superfície cheia de revestimentos. O papel sai carimbado pelo pó dourado usado para a coloração e com a forma dos materiais impressa em alto-relevo.

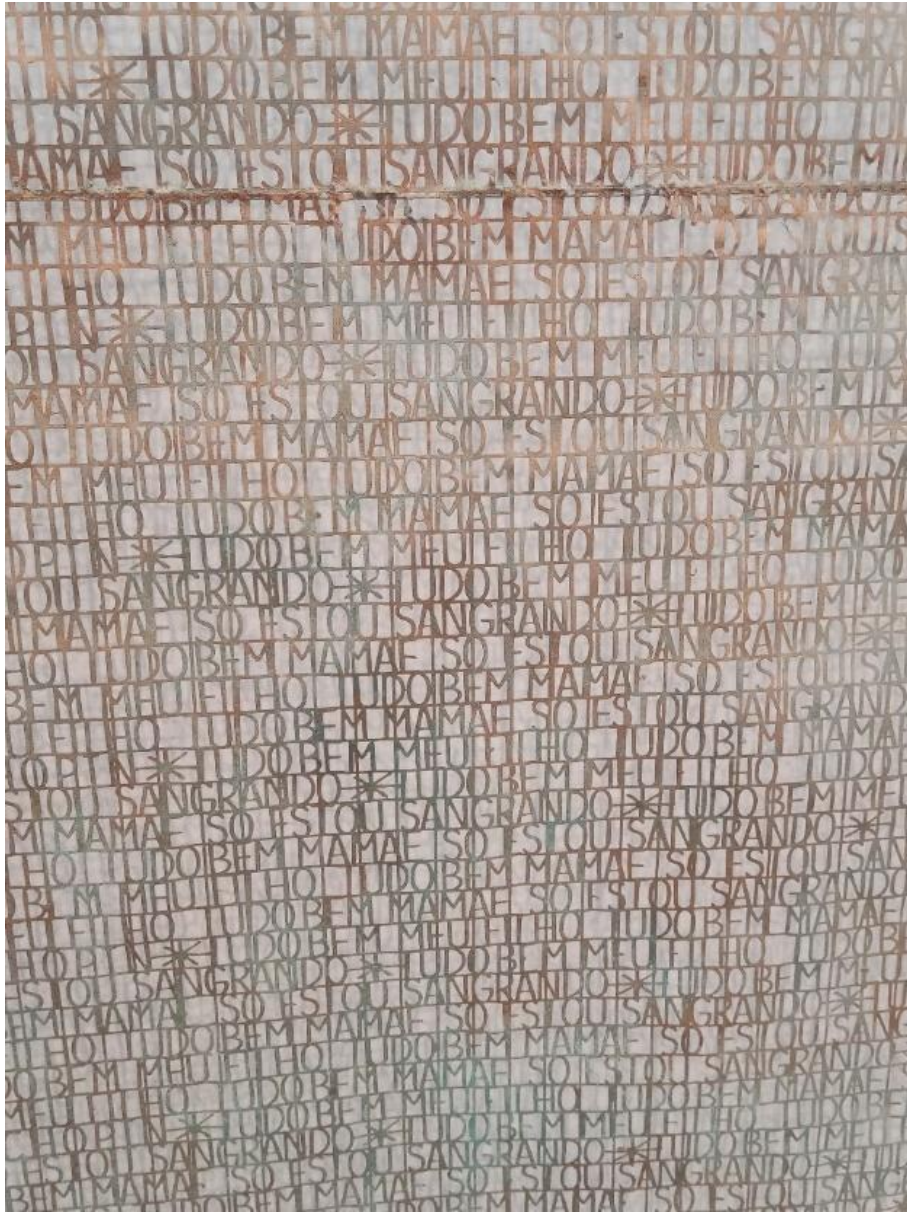
Durante o processo de criação do trabalho, o artista recria, em seu ateliê, uma suposta cena de destroços de uma guerra que não viveu, mas que se coloca, inconscientemente, como força temática. Hilal utiliza restos de materiais: cerâmica, vidros, pisos, tijolos. Em uma atitude quase performática, com os olhos protegidos por meio de óculos, ele destrói esses materiais com a ajuda de ferramentas como martelos e marretas. Após tal evento criador, a cena final é revestida com uma camada de resina. Assim, a massa do papel artesanal pigmentada e colocada sobre os objetos pode ser retirada após dias de secagem. A técnica permite que Hilal crie espécies de matrizes do cenário de violenta destruição, ao que ele chama de “destruição da matéria”.

Em “Sem nome” (2020), Hilal recorre ao material do cobre e da terra, apelando para o sensível e para o simbólico da matéria que utiliza, o que é uma marca forte de sua obra. O trabalho com o cobre é iniciado pelo artista nos anos 2000, com objetivo primário de resolver “o problema da fragilidade” de seu trabalho, tradicionalmente feito com papel artesanal, como em “Alepo”. Mas, apesar da substituição de materiais, Hilal continuou e continua a falar de fragilidade, em obras como “Tudo Bem” (2019) e “Sem título” (2020).

Cabe ressaltar que, mesmo em seus trabalhos com o cobre, o tão tradicional papel acompanha o artista no seu processo de criação em alguma etapa, como em seus desenhos-projetos, por exemplo. Os projetos auxiliam Hilal a pensar a obra e constroem um importante material de caderno de artista que “revelam índices de como a mente criadora do artista vai materializando suas escolhas, enquanto se aproxima da obra a ser revelada”, como bem observado por Cirillo (2012).

Na exposição “Tudo bem” (2019), o olhar do espectador é enganado pela dicotomia criada a partir do material que Hilal utilizou: enquanto o frágil e leve papel forma grandes blocos de densa matéria, o pesado metal se apresenta como delicadas páginas, quase transparentes e cobertas com

escritos. Na mostra, ao se inspirar em Bob Dylan (1941-), Hilal repete seguidas vezes a frase "Tudo bem, mãe? Tudo bem, meu filho, só estou sangrando" (figura 3). Em chapas de metal, após o processo de corrosão, o que se vê é similar a folhas de seda, devido à aparência delicada. A frase se ajusta aos trabalhos da série "Alepo" (2019) e remete a uma terra mãe que segue constantemente sangrando.



Hilal Sami Hilal, "Tudo bem", São Paulo, 2019. Acervo pessoal. Um bloco de papel branco com as frases "tudo bem, mãe?" e "tudo bem, filho, eu só estou sangrando." escritos diversas vezes em cobre. A oxidação do metal causa uma variação de cor nas letras, que em algumas partes são acobreadas e em outras, adquirem tom esverdeado.

“A leveza do cobre e o peso do algodão na obra de Hilal Sami Hilal” é o título da matéria de Cassiana Der Haroutiounian, publicada em 08 de novembro de 2019, no jornal online Folha de São Paulo. No início da matéria, Cassiana coloca um trecho do poema “Este é meu nome”, de Adonis, pseudônimo do poeta sírio Ali Ahmad Said (1930 -), no qual se refere à destruição da Síria e pode ser facilmente relacionado aos trabalhos de Hilal.

A reportagem, de caráter informativo, é expressiva e reflexiva. A autora define a série Aleppo como “painéis dourados marcados por cicatrizes expostas da história de um país e de uma guerra”. Para a repórter, Hilal proferiu a seguinte declaração:

Eu não queria trazer o sangue, puramente o sangue para falar da guerra, da dor. Eu queria fazer uma relação do ouro, por trazer essa referência do mundo árabe, com a tragédia. O ouro representando o patrimônio e mostrar a invasão desse patrimônio. O ouro sendo violentado.

Para Ricardo Basbaum, essa capacidade que a obra de arte tem de enganar o olhar é descrita como uma verdade relativizada: “o que poderia ser uma verdade, a leitura correta ou juízo verdadeiro acerca de qualquer trabalho de arte, torna-se uma relação problemática entre duas metades de verdadeiro. A verdade é essencialmente móvel.” (2007, p. 28).

Portanto, seja por meio da produção de papel artesanal ou pelo cobre corroído pelo ácido, Hilal segue a sua trajetória artística marcada pela permanência de uma simbologia que aponta para temáticas inerentes às dicotomias da existência humana como memória e esquecimento, vida e morte, sombra e luz, construção e destruição. Ao discutir arte e pensamento, Basbaum define que um é fim do outro, apontando para a característica de um tipo de obra que parte de uma subjetividade para, então, se projetar na realidade exterior. A nova arte causa novas subjetividade, em um ciclo, afinal, “pensar vem sempre de fora” (2007, p.54).

Tal reflexão enfatiza a importância de vetores de invenção como forças produtivas e modificadoras de um trabalho em constante transformação.

Considerações finais

Há um fato importante no trabalho desenvolvido por Hilal: a sua recorrência em temáticas inspiradas na vida o torna um artista sensível e de grande potencial reflexivo diante de uma fruição artística. Seus trabalhos evocam fatores externos ao objeto, levando o espectador a pensar a sua existência e lugar no mundo; pensamentos importantes para uma atualidade marcada pelo egoísmo, falta de consciência social e ambiental. Diante de uma necessidade urgente de reconhecimento do dever e compromisso de cada indivíduo na construção de uma sociedade minimamente equilibrada nos âmbitos cultural, social, econômico e ambiental, todos os esforços são relevantes e indispensáveis. Falas, discursos, cartas, documentos, são importantes meios de propagação de boas informações e suscitadores do pensamento crítico. No entanto, é preciso que os princípios preconizados, por exemplo na Carta da Terra (2002), se concretizem em ações e passem a compor o comportamento de todos os indivíduos.

Por ser uma atividade inerente ao ser humano, a arte sempre esteve ligada às mazelas e avanços da sociedade. Se posicionar politicamente é uma atribuição de todo artista, devido ao caráter social da sua atividade e apesar do apelo econômico que o modo capitalista muitas vezes se impõe no mercado de arte. Isso inclui questionar o espaço da vida humana no mundo como parte integrante de um ecossistema. Nesse sentido, deve ser princípio ético de todos, dentro das suas singularidades, o contínuo respeito à Terra e toda a sua diversidade, reconhecendo o potencial e responsabilidade de cada um em propagar ações de conscientização social e riqueza cultural.

Que as lições suscitadas pela pandemia da Covid-19 possam se

concretizar em nosso dia a dia e que todos percebam estas lições: como a política pode condicionar o pensamento; como uma pandemia pode matar de forma não indiscriminada; como o estado pode e deve se responsabilizar e amenizar crises sociais; como uma sociedade organizada e consciente pode fazer valer os seus direitos. Por fim, que agentes sociais percebam a sua tarefa e seu papel diário transformador da sociedade como principal lição de tamanha crise.

Referências

- BASBAUM, Ricardo. **Além da pureza visual**. Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BHABHA, Homi. **Local da cultura**. Belo Horizonte; editora UFMG, 1998.
- BOB DYLAN. **Tudo bem, mãe**. Eu só estou sangrando. Nova Iorque: Columbia Records, 1965, LP, (6 min 04 seg)
- CIRILLO, José. Espaço e Forma nos documentos e arquivos de Hilal Sami Hilal, **Congresso Internacional da Associação de pesquisadores em crítica genética**, X edição, 2012.
- HAROUTIOUNIAN, Cassiana. A Leveza do Cobre e o Peso do Algodão na Obra de Hilal Sami Hilal. In: **Jornal online Folha de São Paulo**. São Paulo. 2019. Disponível em: <https://entretempos.blogfolha.uol.com.br/2019/11/08/a-leveza-do-cobre-e-o-peso-do-algodao-na-obra-de-hilal-sami-hilal/>. Acesso em: 08 de nov. de 2019.
- LACAN, Jacques. **O Seminário**, livro 7: A ética da Psicanálise, 1959-1960.
- LEDUR, Rejane Reckziegel. **Professores de Arte e Arte Contemporânea: contextos de produção de sentido**. 2005. 166 p. Dissertação (mestrado em educação) Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- POLLAK, Michael. **Memória e Identidade social**. vol. 5, n. 10, Rio de Janeiro: Estudos Históricos 1992.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.
- ____. **O tempo, a pandemia e a desigualdade**. Disponível em: <https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/tempo-pandemia-e-desigualdades-segundo-boaventura/>. 2021. Acesso em: 9 de novembro de 2022.

UNESCO. A carta da terra. **Pensamento & Realidade**, V. 11, N. 1, 2002, pp. 125-135.

Recebido em: 11 de maio de 2023.

Publicado em: 09 de agosto de 2023.